

# A Educação, a Natureza e a Cidade em Henri Lefebvre<sup>1</sup>

Carlos Roberto da Silva Machado<sup>2</sup>

Diego Mendes Cipriano<sup>3</sup>

Nairana Schneider<sup>4</sup>

## Resumo

Este trabalho identifica e problematiza os temas *cidade*, *educação* e *natureza* nas obras de Henri Lefebvre produzido entre os anos 1960 e 1970, buscando evidenciar as contribuições, os limites e as contradições nas obras do autor, de modo a relacioná-las ao contexto de sua produção. Isto porque, sentimos necessidade de aprofundar os estudos teóricos sobre estes temas devido às nossas atividades acadêmicas relacionadas às políticas públicas educacionais e ambientais e de nosso grupo ancorar-se nestes temas numa de suas linhas de pesquisa. Nas décadas analisadas (1960-1970), a natureza da cidade altera-se ao longo do período na relação da sociedade com a mesma. Sabemos que na antiguidade da história, os homens dedicam-se à criação das cidades, a partir da transformação da natureza primeira (a *natureza física* ou *meio ambiente natural*). No transcorrer dos últimos séculos, e em particular no XX, entre 1960 e 1968, o mundo sofre profundas transformações na forma de dominação do capitalismo e de seus agentes sobre as sociedades humanas, que compreende a própria relação com a natureza primeira (física). A natureza (a física e a humana) passa a ser objeto de estratégias sistêmicas, cibernéticas, de controle burocrático e de planejamento, os quais subsumem ambas à racionalidade do lucro, da riqueza e da produção de mercadorias em benefício de uma minoria de elites poderosas e globais. Passados mais de trinta anos da produção de Henri Lefebvre, depois de termos atingido o extremo da mercadorização de “tudo e de todos” através do neoliberalismo, da crise dos paradigmas e da emergência de novos movimentos sociais, dos Fóruns Sociais Mundiais, da ALBA, de governos alternativos em América Latina, da resistência de Cuba (nos seus 50 anos de sua revolução), é que retomamos a produção do autor sobre a cidade. Isto porque, para nós, a cidade sintetiza uma determinada relação com a natureza, construída através dos tempos (história) e no espaço (contexto social e global). E, diante disso, a transformação global tem (deve ter) na cidade um espaço privilegiado de exercício participativo da ação cidadã transformadora e produtora de novas relações entre os seres humanos, e destes com a natureza enquanto processo educativo emancipador. Como a cidade é resultante de um processo histórico progresso e de luta de classes concretas, em cada momento e contexto, a utopia da superação do existente (a nossa), deverá conceber a educação e a natureza/ambiente da cidade sustentável como *produção humana* enquanto *obra* (LEFEBVRE, 1991[1968]) e inserida numa *cidade educadora* com *desenvolvimento humano sustentável* (GARCIA RUIZ, DELGADO e et. all, 2007). Inicialmente, apresentamos aspectos do projeto e seus objetivos. Em seguida, algumas obras analisadas que dizem respeito ao contexto do autor, para ao final, relacionar algumas conclusões e sua pertinência ao estudo atual da cidade, da natureza e da educação, tendo o autor como ponto de partida de nossas reflexões críticas enquanto pesquisadores e cidadãos à utopia acima referida.

**Palavras-chave:** Educação, Natureza, Cidade, Produção, Obra.

---

<sup>1</sup> O trabalho resultou de pesquisa realizada em 2007 e 2008 com financiamento de uma bolsa PIBIC/FURG/CNPq 2007-2008, e tem continuidade através das etapas seguintes do projeto de pesquisa.

<sup>2</sup> Professor Doutor em Políticas Públicas da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da *Universidade Federal do Rio Grande (FURG)*. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Política Natureza e Cidade ([www.cnpq.br](http://www.cnpq.br)).

<sup>3</sup> Acadêmico de História-Bacharelado e Bolsista PIBIC/FURG/CNPq 2008-2009.

<sup>4</sup> Pedagoga/FURG e ex-Bolsista PIBIC/FURG/CNPq 2007-2008.

## Considerações Iniciais

O projeto de pesquisa (2007-2008) foi organizado de modo a apresentar as “razões” para o desenvolvimento de nossos estudos, assinalando a importância do local na sua relação com o global e o lugar do cotidiano e da vida social na história da cidade. Partíamos da defesa da cidade enquanto *obra* dos cidadãos – daqueles que nela interagem. No que tange às políticas educacionais e ambientais no espaço urbano, identificamos a existência de três tipos de relações articuladas:

Desenvolve-se, nela [na cidade], um processo educativo que se assenta numa realidade social e natural. A produção da relação com esta "base" é um processo educativo desenvolvido pelas atividades de ensino (nas redes de escolas, ensino formal), como também, no espaço mais amplo da cidade como produção de hegemonia, de consenso, etc. e na relação destes com o vivido cotidiano em processo de mudança permanente – numa tripla relação. (MACHADO; SCHNEIDER; RECHIA, 2007).

Caracterizamos esta tripla relação como àquela decorrente das relações que se desenvolvem nas redes de ensino, podendo estar vinculadas ao conceito de *policy* educacional; mas também enquanto educação da cidade sobre seus cidadãos, relacionada intimamente ao conceito de *politics*, isto é, de dominação e hegemonia a partir dos centros de poder, sobre a totalidade dos seus habitantes (MACHADO, 2005, 2006).<sup>5</sup> Neste sentido, em parte, ao estudarmos a relação da escola com seu entorno escolar, focando as políticas e ações desta com os “problemas ambientais” de um comunidade, demos alguns passos neste sentido.<sup>6</sup> E, ao considerarmos a relação da cidade, enquanto coletividade, com os seus respectivos processos de ensino e educação entre os humanos, ao longo de sua história, em sua relação com o meio ambiente/natureza, avançamos em outra pesquisa.<sup>7</sup> Ponderamos, ainda, a existência de uma relação decorrente destas abstrações com a vida de todos e de cada um de nós, com o vivido na esfera do cotidiano (MACHADO, SCHNEIDER; RECHIA, 2007) e àquelas três relações acima aludidas.

---

<sup>5</sup> O conceito de política como *policy* enquanto o conteúdo – de educação, de energia, de café, de biodiesel etc. e como *politics* como relações de poder na sociedade e no cotidiano; e ainda como *polity* enquanto teorias, concepções ou paradigmas em educação (MACHADO, 2005; 2006).

<sup>6</sup> Para mais detalhes, consultar o trabalho de Daniel Essinger e Carlos Roberto da Silva Machado: *Os problemas Ambientais do entorno escolar e sua relação com o estudo de Ciências em uma escola municipal do Rio Grande/RGS-Brasil*, apresentado neste mesmo evento.

<sup>7</sup> Para mais detalhes consultar o trabalho de Diego Mendes Cipriano e Carlos Roberto da Silva Machado: *Algumas Reflexões sobre o estudo da História Ambiental da/na cidade*, apresentado neste mesmo evento. Além disso, nossos estudos de história ambiental e a própria pesquisa de conclusão de curso de Diego Mendes Cipriano sobre a história ambiental da cidade do Rio Grande, avançam neste rumo.

Tínhamos como problema de pesquisa: como Lefebvre conceitua e insere os temas da educação e da natureza no processo de produção humana das relações inseridas na/da cidade (1963-1973), dentro do contexto vivido pelo autor no momento de produção destas obras? O fio condutor (ou detonador) foi uma tese do autor de 1962, sobre uma segunda natureza, a cidade, referida por nós da seguinte forma:

a existência de uma segunda natureza (a cidade por exemplo), [...] teve como ponto de partida uma natureza primeira. Foram os humanos que ao viverem, produzirem e transformarem a primeira e criaram a segunda. E neste processo eles estariam também se produzindo (sua natureza interior). Neste caso, o período de estudo do vivido de Lefebvre estará circunscrito entre os anos de 1966 a 1973, quando trabalhava na Universidade de Nanterre. Mas, as obras produzidas, e que serão analisadas, são datadas de 1968 a 1974. Então, o estudo sobre a cidade (1966-1973, Hess, 2000), visará verificar como ele conceitua e localiza nestas obras a educação e a natureza. (MACHADO, SCHNEIDER e RECHIA, 2007).

O desenvolvimento da pesquisa pretendia sistematizar as obras de Lefebvre deste período (anos 1960 e inícios dos 1970), buscando os temas referidos no contexto da cidade e também no(s) momento(s) vivido pelo autor. Tencionávamos compreender as motivações da produção e das reflexões sobre os temas em foco. Ou seja, realizaríamos uma sistematização das obras, buscando temas e conceitos inseridos no contexto de vida do autor, tendo em vista os momentos da produção, quer em entrevistas e apresentações, quer em resenhas das obras e estudos biobibliográficos. No entanto, tais procedimentos não se efetivaram em sua integralidade, pois não examinamos todas as obras<sup>8</sup> de Lefebvre sobre a cidade, mas ampliamos com outras produzidas neste período.<sup>9</sup> Finalmente, no decorrer da pesquisa fizemos estudos e mapeamos outras obras sobre a cidade de diversos autores, os quais serão sistematizados e discutidos na próxima etapa da pesquisa.<sup>10</sup>

A seguir, apresentamos algumas obras, os temas referidos no contexto dos anos 1960 e aspectos vividos por Henri Lefebvre. Por fim, tratamos das conclusões do trabalho.

---

<sup>8</sup> Não localizamos sete obras conforme afirmou Hess (2002), mas apenas seis neste período, e destas, estudamos *Le droit à la ville* (1968) e *La pensée marxiste et la ville* (1972); apresentações e resumos das edições brasileiras de *Du rural à l'urbain* (1970) e *La révolution urbaine* (1970); e a *Entrevista em Escritores frente à política* (1968); *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno* (1968); *A produção e a re-produção das relações de produção* (1973); *Tiempos Equívocos* (1975); *Entrevista na Revista Espaço e Sociedade* (1983); *Entrevista em Situacionistas à Kristen Ross* (1983).

<sup>9</sup> Neste trabalho apresentaremos fragmentos das obras para fundamentar nossas reflexões e conclusões.

<sup>10</sup> Em particular, gostaríamos de registrar a descoberta de 2 (dois) textos: um livro de Milton Santos, dos anos setenta, em que Lefebvre aparece como escopo fundamental de referência teórica (SANTOS, 2004); e um livro de Barbara Freitag (2006), no qual a autora faz um extenso resumo de diferentes teóricos sobre a cidade, compreendendo Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos e América Latina. A autora busca mensurar o impacto destas formulações nos estudos brasileiros sobre o tema.

## 1. O Contexto da produção de Henri Lefebvre sobre a Cidade

### 1.1. O contexto mundial da cidade nos anos 1960

O mundo encontrava-se em “ebulição” neste período. Em 1959, os cubanos haviam derrubado uma ditadura apoiada pelos Estados Unidos da América do Norte.<sup>11</sup> Em resposta, os americanos tomam medidas de retaliação, o que impele os cubanos a se aproximarem dos soviéticos. Todavia, cabe mencionar que a *Revolução Cubana* foi realizada de forma diferente daquela ocorrida na URSS (1917) ou na China (1949), pois se colocava, antes de tudo, contra a ditadura de Fulgêncio Batista e, depois, em oposição ao capitalismo americano que via a ilha “como seu quintal”.<sup>12</sup> Mas a situação de Cuba não era muito distinta da observada (ainda hoje!?) na América Latina, território ainda sob hegemonia dos americanos do norte.<sup>13</sup> Desde o fim da Primeira Guerra Mundial (1914), estes passam a ampliar sua influência com a máxima: “a América é dos americanos”. Na década de 1950/1960, a partir do evento cubano, proliferam ditaduras militares com apoio dos EUA, em contraposição às lutas populares, esquerdistas e de libertação nacional, ocorridas aqui e em outros continentes. No Brasil, a ditadura instalar-se-ia em 1964, seguida por Argentina, Chile, Uruguai e outros países. Todos serão governados por juntas militares apoiadas pelos norte-americanos até à década de 1980. Na Europa, em particular na França, estavam em ebulição estes e outros processos de contestação, em parte decorrentes da “boa-venturança” das sociais democracias através da exploração do terceiro mundo e de suas próprias classes trabalhadoras, que haviam constituído um sistema de bem estar para si – de consumismo – e acentuadamente inserido no capitalismo.

Henri Lefebvre,<sup>14</sup> a partir de seu envolvimento nos acontecimentos e de sua crítica marxista (mas não ortodoxo-instituída), captou a mudança estratégica do capitalismo (e dos capitalistas) diante destas transformações e da revolução mundial ocorrida em 1968.

---

<sup>11</sup> Na entrevista *Tiempos Equívocos*, Lefebvre se refere a este evento como significativo ao realizar uma revolução fora dos “parâmetros” tradicionais da esquerda institucionalizada, na época representada pelos partidos comunistas, em particular o francês. Sobre a especificidade desta revolução, ver Machado (1993).

<sup>12</sup> De prostíbulo e jogatina, de exploração da população nos canaviais, em sua maioria controlada pelos americanos; de falta de trabalho e domínio da máfia que explorava o jogo e a prostituição.

<sup>13</sup> Apesar dos “novos ventos”, com a emergência de governos como Hugo Chávez (Venezuela), Rafael Correa (Equador), Evo Morales (Bolívia) etc.

<sup>14</sup> Henri Lefebvre nasceu no ano de 1901, em Navarreux (Baixos Pirineus), sudoeste da França. Estudou filosofia na Sorbonne, e como professor, passou a lecionar em escolas secundárias. Nos anos 1920, entrou

Nos anos 1960, o autor volta-se à cidade e ao urbano, impelido por três motivações. A primeira era resultante das transformações ocorridas na região em que vivera quando criança, nos Pirineus, com o surgimento da cidade de Lacq-Mourenx (Idem, 1975, p.226). A segunda, advinda de reflexões filosóficas sobre o espaço e o tempo em Descartes, Kant, Leibniz, Heidegger, dentre outros. A terceira devia-se ao conceito de *produção* discutido a partir Hegel e Marx e que se estendia até o pensamento moderno, universalizando-se em sentido geral como produção de todas as coisas (sentidos, linguagem, trabalho, trabalhador etc.). Em consequência, Lefebvre produzirá, até meados dos anos setenta, sete<sup>15</sup> livros sobre a cidade e o espaço, além de outros os quais resenhamos e discutimos nas partes seguintes (MACHADO, 2008).

---

para o Partido Comunista Francês, e nos anos 1930, traduziu para o francês os inéditos de Marx (Manuscritos de 1844, dentre outros) e de Hegel, sobre a dialética e a teoria das contradições. Sob o regime nazista instalado na França, milita na clandestinidade. Nos anos 1940, com a criação do *Centro Nacional para a Pesquisa Científica* (CNRS), passou da pesquisa/estudo da "filosofia pura" às práticas sociais, isto é, da relação entre filosofia e pensamento com o concreto existente no cotidiano (LEFEBVRE, 1975, 223-226).

<sup>15</sup> Ver nota 8 (oito).

## 2. Do direito à cidade (1968) à produção do espaço (1974)

Em 1968, em meio à turbulência dos eventos de Paris, Lefebvre publica um livro defendendo o “direito à cidade”, destacando no mesmo o tema da cidade e do direito dos cidadãos à mesma, bem como o fato desta cidade ser uma obra dos cidadãos. Diz ele:

a cidade, obra e ato perpétuos, dá lugar a instituições específicas: municipais. As instituições mais gerais, as que dependem do Estado, da realidade e da ideologia dominante, têm sua sede na cidade política, militar, religiosa. Elas aí coexistem com as instituições propriamente urbanas, administrativas, culturais. (LEFEBVRE, 1969, p.53).

No entanto, ele adverte sobre as extrapolações existentes nas relações entre natureza e cultura, que derivam da relação da cidade com o campo. Afirma ele que

Nesta relação existem três termos da mesma (a ruralidade, o tecido urbano, a centralidade) cujas relações dialéticas são dissimuladas sob as oposições termo a termo, mas que também vem aí se revelar. A natureza como tal escapa à ascendência de ação racionalmente realizada, tanto à dominação quanto à apropriação. Quanto ao campo, é este um lugar de produção e de obras. A produção agrícola faz nascer produtos; a paisagem é uma obra. Esta obra emerge de uma terra levemente modelada, originariamente ligada aos grupos que a ocupam através de uma recíproca sacralização que é a seguir profanada pela cidade e pela vida urbana (que captam essa centralização, condensam-na e depois a dissolvem no transcorrer das épocas, absorvendo-a na racionalidade). (LEFEBVRE, 1969)

Diz ainda que o "direito à natureza (ao campo e à ‘natureza pura’) entrou para a prática social há alguns anos em favor dos lazeres", através de banalizações: "contra o barulho, a fadiga, o universo concentracionista das cidades" e, portanto, constituindo um modelo de cidade ideal, ao mesmo tempo em que a cidade antiga apodrece ou explode (LEFEBVRE, 1969, p.67). Em contraposição a este modelo, Lefebvre irá propor uma cidade nova, ou cidade do futuro, a partir da completa inversão da atual:

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 1969, p.124)

Sobre o conflito cidade-campo, em escala mundial, tece algumas considerações:

Em escala mundial, o conflito cidade-campo está longe de ser resolvido, todos sabem disso. Se for verdade que a separação e a contradição cidade-campo (que envolve a oposição entre os dois termos, sem se reduzir a ela) faz parte da divisão não está nem superada nem dominada. Longe disso. Não mais do que separação entre a natureza e a sociedade, entre o material e o intelectual (espiritual). Atualmente a superação não pode deixar de se efetuar a partir da oposição tecido urbano-centralidade. O que pressupõe a invenção de novas formas urbanas. (LEFEBVRE, 1969)

No mesmo período, dos anos 1960, publicará o livro *A vida cotidiana no mundo moderno*, atualizando as reflexões sobre o cotidiano realizadas em 1948, 1958 e 1961, mas de modo a ampliar estudos de outros temas não tratados neste trabalho. Destacamos deste alguns aspectos relacionados aos mesmos no contexto da época (ver MACHADO, 2008).

Em 1968, Referindo-se à sociedade, diz que a mesma passava por um mal estar, pois se de um lado apresentava um “*crescimento* (econômico, quantitativo, medido em toneladas e em quilômetros) notável”, de outro, um “desenvolvimento fraco”, pois as “relações sociais constitutivas (estruturadas/estruturantes), isto é, as relações de produção e de propriedade que subordinam a sociedade a uma classe (chamada burguesia) [...] pouco mudaram, a não ser em função da estratégia de classe (sua consolidação no cotidiano) (LEFEBVRE, 1991, p.88)”. E, também, ampliava-se o domínio técnico da natureza que

não corresponde uma apropriação pelo ser humano de seu próprio ser natural (o corpo, o desejo, o tempo, o espaço). À contradição entre crescimento e desenvolvimento se sobrepõe então uma contradição mais grave e mais essencial entre *domínio* (técnico) e *apropriação*. (Idem, 1991, p.88)

Assim, a diferenciação entre “domínio” e “apropriação” é destacada, para em seguida, enfatizar sua diferenciação: da “*apropriação* (pelo ser humano de seu ser natural) → {corpo, tempo, espaço, desejo → {valores em formação ou em vias de desaparecimento: festa, lazer, esporte, cidade, urbanidade, natureza” (p.95) da *dominação* na “cotidianidade {*pressões* (determinismos verificados por ciências, subjugados por técnicas) → {biológicos, geográficos, econômicos etc. → {múltiplos, mas agrupados na dominação social da natureza, na práxis”(LEFEBVRE, 1991, p.98). Além disso, Lefebvre sistematiza e discute, neste momento, aspectos fundamentais dos paradigmas hegemônicos da época, bem como dos alternativos, todos em crise, ressaltando os temas que foram debatidos ao longo do século XX, sobre os quais destacamos:

Ao nível teórico, começamos a compreender que o ‘nosso espaço’ é apenas um entre os possíveis, que talvez ele só exista relativamente a nós (à nossa escala) e que em outro lugar ou numa outra escala pode haver outros espaços, outras temporalidades. A descoberta da relatividade acentua a descoberta da nova realidade sensível: da segunda ‘natureza’ anexada à primeira, do objeto-signo ou do signo-objeto. São mudanças práticas nos critérios de apreciação que se impõem, ao mesmo tempo que mudanças conceituais. Mas os sentimentos e as emoções também se dissolvem. A psicologia e a psicanálise vão tornar suspeita a inocência da criança, mito que no cristianismo compensava o do pecado original. Elas tornam igualmente suspeitas a espontaneidade, a pureza e a virgindade. (LEFEBVRE, 1991, p.124)

Para ele, tal mudança na percepção e na compreensão do espaço e da cidade, na França, e diríamos na Europa, decorreu de uma estratégia de classe elaborada no século XIX (lembra as reformas de Paris por Haussemann depois da Comuna) que se desenvolveu ao longo do XX, explodindo nos anos de 1960.

Estratégia combinada ou efeito global de um caos de ações contingentes, o resultado aí está. Desenrola-se um duplo processo: industrialização e urbanização. Marx havia captado o primeiro aspecto e indicado como dominar o processo: como planejá-lo racionalmente e dar um sentido, isto é, ‘o homem social’ como capacidade criadora de produtos e de obras. A classe operária devia assumir essa missão histórica. Que foi que ocorreu? A classe operária foi em parte (de maneira desigual, conforme os países e os setores) destituída de sua missão, reduzida a um grupo de pressão econômica. Grupos políticos ou técnicos ocuparam o seu lugar. Por conseguinte, numa certa medida (desigual), organizou-se a produção, mas privando-a de um sentido. Dominou-se tecnicamente a natureza, mas sem que o ser humano se apropriasse da sua própria natureza vital e social. (LEFEBVRE, 1991, p.160-180)

Os eventos do maio de 1968 permaneciam “quentes” no verão, entre julho e setembro de 1968, quando, em suas férias na Espanha, ele concede uma entrevista à revista *Triunfo*.<sup>16</sup> Nesta, Lefebvre destaca aspectos do contexto em que vivia, marcado pela crise da esquerda e pelas transformações do capitalismo, sobretudo no caso da França. Ao ser perguntado sobre a possibilidade de a *Revolução de 1968* ser a última do século XX, ele contesta, dizendo que foi “o principio da primeira revolução deste século”, pois as anteriores “tinham o cunho agrário do século XIX” (LEFEBVRE, 1970, p.67).<sup>17</sup>

Sobre o socialismo, o modelo de socialismo ou de superação do capitalismo, também encontraremos algumas considerações do autor. Lefebvre diz ser “necessário, hoje, elaborar um novo modelo de socialismo”, já que o efetivado por Lênin transformara-se em socialismo de Estado, apesar de “que muitos [de seus] elementos continuem a ser válidos”. Para o autor, este velho modelo atingiu o seu limite e esgotou suas possibilidades históricas (LEFEBVRE, 1970, p.72-73):<sup>18</sup>

Do que se trata, agora é de criar um novo socialismo, um modelo que não construa o socialismo de cima para baixo, a partir do Estado, mas de baixo para cima, através de do movimento democrático das massas, do conjunto da população – o qual coloca novos problemas [...] como a autogestão. Trata-se de descobrir as formas, de criar as modalidades de uma participação ativa e efetiva das

<sup>16</sup> Uma revolução cultural não pode desenrolar-se fora do campo da política [entrevista, Revista *Triunfo*. Lisboa: Editorial O Século, 1970. [Verão de 1968].

<sup>17</sup> Wallerstein também classificará estes eventos como “revolução de 1968”.

<sup>18</sup> Em 1958, no Congresso do PCUS, os “crimes de Stalin” vieram à tona, além de uma série de problemas do socialismo instituído em 1917, como o “socialismo de Estado” da URSS; a revolução popular e cultural na/da China com Mao-Tsé-Tung; e as proposições e processos políticos, desencadeados na Tchecoslováquia no período e a Revolução Cubana já referida, estavam em evidência neste período (ver Machado, 2005).



pessoas nas empresas e também na cidade, na gestão de todos os assuntos públicos. Na base, uma rede de organismos, mais ou menos estáveis, conduz os assuntos sociais e propõe soluções para os problemas, propõe e participa na elaboração de soluções. A autogestão coloca mais problemas do que aqueles que resolvem. Não se trata de uma palavra de ordem vazia de conteúdo [...]. [A] instauração da autogestão num número suficiente de empresas, que nasce uma força social, [colocaria] de forma mais aguda, problemas de mercado. [...] O socialismo de Estado forneceu uma planificação autoritária, centralizou de uma forma totalmente rígida e dura, constituiu um sistema fechado, do qual os soviéticos não conseguiram desembaraçar-se. (LEFEBVRE, 1970, p.73-74)

### Segundo Lefebvre,

O capitalismo, e até o socialismo, reduzido a objetivos econômicos, objetivos de crescimento da produção, não respondem a um desejo fundamental do ser humano, o da apropriação. Esforcei-me bastante para por em relevo este conceito de apropriação. Não se trata – entenda-se bem – da propriedade. Trata-se da apropriação do mundo, na natureza, e também da natureza própria, dos próprios desejos. [...] A apropriação dos próprios desejos pelo ser humano nada tem a ver com o domínio do mundo exterior. O domínio do mundo exterior, com seus instrumentos técnicos, realizou-se em larga medida através do capitalismo, numa medida talvez ainda maior que no socialismo, tal como este foi definido até agora, mas estes dois regimes, estes dois modos de produção, não se deram conta, até hoje, da necessidade de apropriação do ser humano – e, através do ser humano, da sua própria natureza, dos seus próprios desejos, do tempo e do espaço que o rodeia. (LEFEBVRE, 1970, p.79)

### E relacionando o conceito de apropriação com a temática da cidade, diz

Trata-se de problemas urbanos, talvez isso se deva ao fato de ser na cidade – mais do que na indústria, como força econômica – que descobriremos, que revelaremos, as condições desta apropriação, pelo ser humano, da sua própria vida, dos seus próprios desejos, do tempo e do espaço em seu redor. É aqui, em meu entender, que se situam os limites do socialismo e do capitalismo. Pôr em primeiro plano a apropriação, e não simplesmente o domínio da natureza, parece-me marcar o início da construção deste “modelo de socialismo”, cuja elaboração pretendo contribuir. (LEFEBVRE, 1970, p.80)

No que tange à vida cotidiana e à questão urbana, Lefebvre afirma que não devemos subestimar a importância do fenômeno da urbanização. Ao destacar sua relação com o maio de 1968, o autor relaciona este fenômeno com a industrialização:

Durante muito tempo, acreditou-se em que a industrialização era um fim em si própria, e isto transparece na planificação, inclusive dos países socialistas. [que ela] bastava para produzir relações sociais novas e satisfatórias, que era o fim da história. Pensava-se [...] que a sociedade urbana era um aspecto subordinado da industrialização. Em minha opinião, este aspecto secundário converteu-se num aspecto principal. [...] O que está a criar à nossa volta não é a sociedade industrial; a indústria é um momento da história. A sociedade urbana desenvolve-se, cria-se, implica a industrialização, mas não pode definir-se apenas por ela. Este erro vai-se tornando maior à medida que o tempo passa. [É] o erro fundamental do urbanismo em França [...] de submeter a sociedade urbana às exigências da industrialização. [...] O urbanismo francês, o urbanismo do Estado e dos planificadores, submete a sociedade que se está a formar às exigências de uma fase ultrapassada, como é a simples industrialização. [...] trata-se de uma nova etapa da História, e também de uma nova etapa da ação e do pensamento [...]. Os acontecimentos recentes assinalaram o fim de uma grande época. A época da indústria, e o princípio de outra, em que os fenômenos urbanos são dominantes. (LEFEBVRE, 1970, p.81)

Portanto, “a transformação do mundo não é apenas econômica, não consiste somente no domínio da natureza, mas na apropriação” (Idem, p.84). E no relacionado a tal projeto de futuro e à cidade, Lefebvre anuncia sua utopia:

O futuro reside [...] na integração da “urbe”, na cidade, na apropriação, cada vez maior, do trabalho e do ócio, dos locais de trabalho e dos locais de ócio, das possibilidades de trabalho e das possibilidades de ócio. Este é um elemento do urbanismo que nada tem a ver com o urbanismo atual [...] Trata-se, em última análise, da problemática da cidade [...] que é a problemática que nos põe a questão da separação dos lugares, dos lugares de trabalho, dos lugares de prazer e da vida privada. Trata-se de aproximá-los, de superar, na prática, essas separações. Nisto consiste a problemática urbana. (LEFEBVRE, 1970, p.85)

Um ano depois, em novembro de 1969, na introdução da obra *De lo rural al urbano*, evidencia as transformações pelas quais passava o fenômeno cidade. (LEFEBVRE, 1978, 10 [1970, Anthropos]). A obra, organizada por Mario Gaviria, com textos e artigos produzidos por Lefebvre desde os anos 1950 sobre finais de 1940, apresenta uma *Introdução* bastante elucidativa do contexto e dilemas do autor no referente aos temas em foco. Inicia dizendo que o seu ponto de partida é a filosofia de Nietzsche, e marcadamente de Marx e Hegel. Nos anos 1928, Lefebvre adere ao movimento comunista (PCF), que será estimulante, carregado de contradições e momentos estéreis (p.5). Mas sempre atua de forma crítica. Nos anos 1930, com as obras da juventude de Marx (descobertas e traduzidas ao francês pelo próprio Lefebvre), revitaliza a “teoria das contradições, da dialética, única capaz de orientar o pensamento no caos de contradições de uma época que se precipita à guerra” [tradução de Carlos RS Machado] (p.5).

Lefebvre acredita que nos encontramos numa “nova situação a elucidar”, sendo esta pré-condição necessária se intentamos compreender o que sucedeu no século XX e o que restou do pensamento marxista (LEFEBVRE, 1978, p.9). Deve-se elucidar a *vida cotidiana*, pois é aí “o lugar desta mudança: necessidades programadas, práticas modeladas por manipulações, mas também ‘matéria’ e sub-produto que escapa aos poderes e formas que impõem seus modelos” (Idem, p.9). É assim que, há dez anos, o autor vem estudando esta temática, a qual foi objeto de deturpação por alguns doutrinários e ultraesquerdistas. Estes haviam se apropriado de suas formulações e críticas sobre a “vida cotidiana”, produzindo uma radicalização absoluta neste sentido.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Lefebvre refere-se aos situacionistas nos anos sessenta.

Lefebvre afirma que nos encontramos “numa bifurcación”, que não se deve ao caminhar, à sua reflexão ou fantasia, “mas que provém de um objeto novo, uma modificação na prática”, que é a cidade. O autor resgata sua trajetória que remonta ao início dos anos sessenta, época de emergência de uma cidade nova (Lacq-Mourenx, ao sul da França, cerca dos Pirineus). Tal cidade é citada pelo próprio Lefebvre como exemplo do trânsito do “rural ao urbano” (LEFEBVRE, 1978, p.11).

La ciudad, su estallido, la sociedad urbana y “lo urbano” en emergencia, superponen sus contradicciones a las de la era industrial y la era agrícola. Las de lo urbano – por ejemplo el conflicto entre integración y segregación, entre las formas de centralidad (entre la centralidad como traen la neutralización de las contradicciones dimanantes de las relaciones de producción capitalistas (entre propiedad privada y socialización del proceso de producción, entre proletario y burguesía). Por el contrario, las agravan, dificultan más aún su solución. (Idem, 1978, p.12)

O eixo teórico é, pois, a

relación “campo-ciudad”, relación dialéctica, oposición conflictual que tiende a trascenderse cuando en el tejido urbano realizado se reabsorben simultáneamente el antiguo campo y la antigua ciudad. Lo que define la “sociedad urbana” va acompañada de una lenta degradación y desaparición del campo, de los campesinos, del pueblo, así como de un estallido, una dispersión, una proliferación desmesurada de lo que antaño fue la ciudad. (LEFEBVRE, 1978, p.15)

Para Lefebvre, uma atitude crítica redobrada era necessária no contexto dos anos de 1969, já que o urbanismo, a psicanálise e o marxismo passaram ao nível institucional (Idem, p.15).

Na obra seguinte, *A Revolução Urbana* (1970[999]), o autor aborda a emergência da urbanização, sugerindo que a industrialização perdia sua força na determinação da sociedade, sendo substituída pela urbanização enquanto ideologia e planejamento. Neste livro, ele analisa a urbanização “como sentido e finalidade da industrialização”, e, ao mesmo tempo, critica o urbanismo (como ideologia). Para Lefebvre, este último estava se transformando num verdadeiro sistema, ou seja, enquanto olhar reduzido sobre a complexidade que se processa ao se instituir, e assim subsumir-se ao sistema.

Num texto produzido em 1973, intitulado *A produção e a re-produção das relações sociais de produção*, ele dizia que as transformações da “natureza, destruída como tal, terá que ser reconstruída e reconstrói-se já num outro plano, a outro nível, o de uma natureza segunda: a cidade e o urbano” (LEFEBVRE, 1973, p.14-15).

A cidade, anti-natureza ou não-natureza – e, portanto, segunda natureza ou natureza segunda - anuncia o mundo futuro, o mundo urbano generalizado. Enquanto some de particularidades exteriores, umas em relação às outras, dispersas pelo espaço, a natureza morre. Ela dá lugar ao espaço produzido: o urbano definido como ajuntamento e encontros, como simultaneidade (centralidade) de tudo o que existe socialmente; esta naturalidade segunda e apropriada pode fracassar; é um aspecto da hipótese estratégica. (Idem, p.15)

Sobre a educação e os processos pedagógicos, Lefebvre diz, nos anos setenta, que a crítica pedagógica se faz a posteriori. E evidencia "os métodos e a matéria ensinada", destacando que, nas escolas,

os métodos, os locais, a arrumação do espaço, reduzem o aluno à passividade, habituando-o a trabalhar sem prazer [...]. O espaço pedagógico é repressivo, mas esta 'estrutura' tem um significado mais vasto do que a repressão local: o saber imposto, 'engolido' pelos alunos, 'vomitado' nos exames, corresponde à divisão do trabalho na sociedade burguesa, serve-lhe, portanto, de suporte. (LEFEBVRE, 1973, p.59)

Esta análise "da forma e da transmissão passa ao largo de um problema central, o conteúdo do saber e do seu lugar na divisão do trabalho" (Idem, 1973, p.63). Partindo do produzido por Lefebvre, seria necessário verificar como se produzem e re-produzem as relações sociais no processo educativo.

Lefebvre também diz que “urbanismo” diferencia-se de “urbano”, na medida em que o primeiro consiste em

Instrumento estratégico do Estado e do capitalismo na utilização da realidade urbana fragmentada e na produção de um espaço controlado. A cidade, anti-natureza ou não-natureza – e, portanto, segunda natureza ou natureza segunda – anuncia o mundo futuro, o mundo do urbano generalizado. (LEFEBVRE, 1973, p.15).

Na sociedade moderna se está a defrontar “a natureza e a anti-natureza, o trabalho e o não-trabalho, o movimento que vai do vivido (singular, inicial, mal diferenciado) ao viver (universal, conhecido e reconhecido) através das particularidades e do caos das coisas” (Idem, p.15). E, por fim, Lefebvre reclama um lugar mais importante à lógica, já que Marx e Hegel tenderam “absorvê-la na sua dialéctica” sem coerência nem regularidade:

A contradição torna-se mais precisa quando a ordem longínqua, a ordem das relações sociais, das relações de produção à escala global e, portanto, da sua reprodução, invade brutalmente as relações próximas (a vizinhança, a natureza em redor da cidade, da região, das “comunidades locais”, etc.). (LEFEBVRE, 1973, p.19)

Também, as contradições do espaço e as demais estão evidenciando um problema global: o de todo o espaço, da produção e da gestão (Idem, 1973, p.20).

Na obra *A cidade do Capital* (1975), conforme tradução em português, Lefebvre discorre sobre a cidade no pensamento de Karl Marx, afirmando que:

As forças produtivas, no seu crescimento, apesar dos ‘entraves’ das relações de produção capitalistas, estimuladas por duas guerras mundiais, atingiram tal potência que produzem o espaço. Em escala mundial, o espaço não é somente descoberto e ocupado, ele é transformado, a tal ponto que sua ‘matéria-prima’, a ‘natureza’, é ameaçada por está dominação que não é uma apropriação. A urbanização geral é um aspecto desta colossal extensão. (LEFEBVRE, 1999 [1975], p.173)

Mas ele diz que se “há produção do espaço”, [há] “contradições do espaço”, e ainda, “conflitos imanentes a essa produção”, e “novas contradições” (Idem, p.176). Destacamos no texto supracitado o estudo do processo de diferenciação da cidade oriental da ocidental, bem como os processos de diferenciação quando da emergência da cidade em cada uma das regiões em sua relação com a natureza:

A passagem da comunidade – onde predomina a natureza com os vínculos imediatos (de sangue, de família, de localização e de particularidades naturais) – à comuna urbana implica mudanças consideráveis na propriedade, na produção e na troca (...) Pouco a pouco, o trabalho coletivo ou associado se apresenta simultaneamente como *objetividade* (propriedade estranha) e *subjetividade* (força estranha). Assim, a própria força do ser social se volta contra ele, como monstro animado. A cidade se torna o lugar geral dessa transformação. (LEFEBVRE, 1999 [1975], p.87)

No oriente, a cidade teria apresentaria determinadas características:

Nas sociedades asiáticas, a unidade soberana da sociedade, o Único que tem por propriedade o conjunto do solo, das comunidades e dos indivíduos, tem, portanto, por sede e apoio uma cidade. A cidade oriental se estabelece ao lado dos vilarejos que o Estado despótico administra, explorando-os, seja nos lugares onde pode se fazer o comércio exterior, seja enfim “no lugar onde o chefe do estado e seus [servidores imediatos] trocam rendas (sobreproduto) contra o trabalho, gastando-as como fundos de trabalho. Nessas comunidades, de toda maneira, a propriedade individual não poderia se bastar; o círculo direto entre a comunidade e a natureza não pode se romper; a irrigação e a regulação das águas, indispensáveis à vida das comunidades, são de responsabilidade do Estado, que assume, um papel econômico direto, agindo sobre as forças produtivas, velando sobre a natureza, mantendo sua relação com a sociedade. (Idem, [1999], 1975, citando Marx)

Já no ocidente, a cidade emergiria de forma diferente, apresentando aspectos distintos:

A cidade oriental não sai de uma “imediatividade” do vínculo com a natureza que vão influenciar e mesmo moldar suas instituições e suas idéias; ao passo que a cidade antiga perdeu a imediatividade e adquiriu o carácter de *mediação* que vai marcar seu destino. (Idem, p.93)

Na Europa, se produziria uma diferenciação na relação com à natureza:

A capacidade associativa da cidade, [...] possibilitou esse processo pelo qual ela se supera e destrói sua naturalidade inicial [...] 'provém das relações de produção'. Não foi nem das forças produtivas como tais, nem das superestruturas (religião, ética etc.) e da ideologia, nem mesmo do 'modo de produção' feudal como tal. (Idem, p.62)

No caso da terra, Lefebvre diz ser a mesma vital e hegemônica nas sociedades comunitárias ou primitivas, mas que esta terá seu caráter modificado pela emergência da cidade:

um *espaço*, um *intermediário*, uma *mediação*, um *meio*, o mais vasto dos meios, o mais importante. A transformação da natureza e da terra implica um outro lugar, um outro ambiente: a cidade. (...) A cidade, ou mais exatamente sua relação com o campo, *veicula* as mudanças de produção, fornecendo ao mesmo tempo o *receptáculo* e a *condição*, o lugar e o meio. (LEFEBVRE, 1999, p.86)

Diz Lefebvre que as “sociedades ocidentais, que já têm por condição inicial a não-estabilidade, o nomadismo e a migração, são por isto destinadas à agressividade. “A guerra é a grande tarefa coletiva, o grande trabalho comuns exigidos” (Idem, p.92).

A natureza se prolonga no interior dessa sociedade, numa luta permanente pela vida. A sociedade se organiza primeiro militarmente, e não administrativamente, como no Oriente. As guerras terão uma ação seletiva. Elas têm lugar entre as cidades. (...) *A base dessa organização militar é a cidade*. No quadro urbano, os vínculos tribais se perpetuam, transformando-se. A propriedade privada se separa da propriedade comunal, quando a comuna urbana se erige em Estado. (Idem, p. 93)

O próprio Marx, no texto conhecido como *Grundrisse*, afirmará que

A natureza não constrói nem máquinas nem dispositivos automáticos (fórmulas excessivas que hoje deveriam ser olhadas com reservas). Os dispositivos automáticos são *produtos* do pensamento e da vontade humanos que se exercem sobre e na natureza. [...] São 'órgãos do cérebro', criados pela mão humana, 'energia científica objetivada. (LEFEBVRE, 1999, p.70)

Na 4ª ed. francesa *A Produção do Espaço*, Lefebvre considera que "Le mode de production organise – produit – em même temps que certains rapports sociaux son espace (et son temps)". E, mais adiante, diz "Ne désignant pás um 'produit' qualconque, chose ou objet, mais um ensemble de relations, lê concept exigeait um approfondissement dès notions de production, de produit, de leurs rappouts" (LEFEBVRE, 1985, p. XX-XXV).

## 2.1. Revisitando os anos 1960 nos seguintes

Em meados dos anos 1970, numa longa entrevista publicada por uma editora espanhola, Lefebvre fez um balanço global de sua vida, suas obras e controvérsias teóricas em que esteve envolvido. Sobre o período de 1957-1958, diz Lefebvre que, “en lo que a mi respecta, quisiera decir que en 1957-1958 tuve el presentimiento de una nueva época”, o

que foi confirmado nos 20 anos seguintes (LEFEBVRE, 1976, p.108). Menciona a “subida triunfal de Fidel Castro que ni es comunista ni está ligado a una clase obrera ni al movimiento comunista internacional”, acontecimentos relativos à crise do movimento comunista tradicional e a proliferação de guerrilhas na América Latina. Diz que seria importante “llegar a dar a un período un equipamiento analítico, los instrumentos para su elucidación, su instrumentación intelectual” (Idem, p.109).

Ele afirma que “a partir de 1968 percibimos que la cotidianidad no es solamente la homogeneidad, el suelo allanado, sino el gran instrumento del Estado y del modo de producción para mantener y reconstruir las relaciones sociales de producción tanto el lo cotidiano como también en lo urbano, en la ciudad y en el espacio” (LEFEBVRE, 1976, p.166).

He llegado a los problemas del espacio por múltiples caminos. [...] Durante diez años, o quizás más, me he dedicado a los problemas agrarios. A título de militante del partido, pero también a título de investigador. Me he dedicado a ello con la esperanza de aportar una importante contribución al socialismo aplicable al mundo entero” (Idem, 1976, p.223).

É assim que emerge, no início dos anos 1960, seu interesse pelo espaço e o urbano:

Soy fiel a una afirmación constitutiva del pensamiento marxista, a saber, que es necesario en un principio estudiar las fuerzas productivas y la relación conflictual entre éstas y la producción. A través de este principio llegué a cuestionarme los problemas concernientes al espacio. El crecimiento de las fuerzas productivas arrastra consigo un cambio. Las fuerzas se desplazan, dicho de otra forma se localizan en el espacio. Además lo transforman, lo modifican mucho más que en otros tiempos. La situación actual de las fuerzas productivas no lleva implícita solamente la producción de objetos sino lo que contiene estas cosas, es decir el espacio. (Idem, 1976, p.222)

Lefebvre diz que na década de 50 havia se dedicado ao estudo e acompanhamento da questão agrária. No princípio dos anos sessenta, ao passar alguns meses em “su pueblo” de infância, vê que “al lado [...] se había fundado una ciudad nueva, LACQ [...]. Vi los bulldozers arrasar el bosque, poner las primeras piedras de la nueva ciudad convertida en laboratorio. He podido estudiar los problemas urbanos *in vivo, in statu nascendi*”. “He observado”, diz Lefebvre,

que la problemática mundial arrastraba consigo una nueva disposición del espacio social entero. [...] pero el espacio planetario se reorganiza en función de la división de trabajo a escala mundial en función de estrategias mundiales. El espacio es el resultado de una superposición de niveles diferentes, económicos y estratégicos, convergentes en él mismo. He ahí un primer camino para llegar a lo mundial, la vía para la formación de un espacio planetario, recubriendo y envolviendo el espacio planetario, recubriendo y envolviendo el espacio de la naturaleza, la Madre Tierra. (Idem, 1976, p.227)

Ao mesmo tempo, a cidade histórica explode “acompañada por la urbanización del espacio entero” (p.228). Neste caso, o capitalismo se

ha impuesto [...] sobre la producción agrícola y la ciudad histórica, pero también sobre los suelos, montañas, las riberas más alejadas a través del turismo; resumiendo, el espacio a escala mundial. Intento estudiar empíricamente la convergencia de todos estos fenómenos. Los ecólogos no tocan más que una pequeña porción de ellos. (Idem, 1976, p.228).

Estas mudanças o levaram ao conceito de *produção* do espaço. Inicialmente, o ponto de partida é o conceito de produção discutido desde Hegel e Marx até o pensamento contemporâneo. Mas tal conceito diversifica-se e obscurece-se, apresentando inúmeras dificuldades, pois se fala de produção de tudo, de sentidos e linguagem. Se “llega a decir que no producen solamente el trabajo y el trabajador, sino que el concepto produce, que los problemas producen trabajando, que los conceptos trabajan produciendo” (LEFEBVRE, 1976, p.230). Lefebvre afirma que “en Marx encontramos dos conceptos de producción: uno, angosto, estrictamente económico, la producción de objetos y otro más amplio, la producción de obras, la producción de conocimiento, de instituciones, de lo que constituye la sociedad” (Idem, p.231).

Tais reflexões inserem-se no mesmo momento em que havia um crescimento das forças produtivas, além de transformações do capitalismo em inúmeros aspectos. O capitalismo mostrava que “a partir de cierto momento [...] las técnicas, el conocimiento, que forman parte de las fuerzas productivas, han alcanzado la capacidad de tratar el espacio cambiándolo” (Idem, p.231).

Durante estos últimos años las fuerzas productivas han cambiado, repartiéndose de forma distinta en el espacio. La energía, proveniente de la naturaleza, forma parte de las fuerzas productivas. De otra parte, cualitativamente, las fuerzas productivas, las técnicas, el saber, pueden en lo sucesivo modificar profundamente el espacio: producirlo. [...] la aeropolitica como la informática o la construcción de autopistas, no son exactamente producción en el sentido clásico, producción de cosas o de bienes, sino que forman parte de una nueva escala y de una nueva modalidad de la producción, la producción del espacio. (LEFEBVRE, 1976, p.231)

Desse modo, a produção do espaço não envolve apenas a produção das coisas ou mercadorias. “La producción del espacio no es una producción cualquiera, añade algo decisivo a la producción, puesto que es también reproducción de las relaciones de producción” (Idem, p.232). Para compreender este processo, diz Lefebvre, é necessário entender que “el capitalismo producía un espacio, el suyo, un espacio instrumental, el de la



reproducción de las relaciones de producción”. Estas relações não podem ser comprendidas se “no se tiene en cuenta los tres elementos, la cotidianeidad, lo urbano, es decir la organización de la ciudad, y, además, la producción del espacio general, que, por otra parte engloba los otros dos” (LEFEBVRE, 1976, p.237).

Segundo ele, com Hegel e Marx, chegamos à idéia de que toda obra histórica ou relevante para a sociedade e realidade humanas, possuiu um princípio, um apogeu e um fim – o que inclui o próprio Estado, as classes sociais e a família. Entende que tudo o que ocorre na história inscreve-se no espaço. “La historia muestra el predominio del espacio sobre el tiempo, de lo sincrónico sobre lo diacrónico”, diz (LEFEBVRE, 1976, p.244). E ainda que “un espacio social es siempre un empleo de tiempo y que el tiempo es uso del espacio”. Relativamente à utopia do autor, temos que: “crear un espacio en el cual el tiempo, el tiempo de vivir, el tiempo del placer e de la felicidad, sería determinante, sería el bien supremo” (Idem, p.245).

Así pues el espacio tal como yo lo concibo, el espacio social, un segundo espacio que envuelve el espacio primordial de la naturaleza y de la Madre Tierra, espacio, que es obra de la historia, del pensamiento y de la técnica, contiene en sí mismo su enemigo íntimo, el tiempo; aliado y enemigo íntimo en una dialéctica que emerge a través del pensamiento utópico. El espacio recela del tiempo, el espacio es un empleo del tiempo y el tiempo es una forma de gozar el espacio. En este sentido, la relación tiempo-espacio actualmente desborda las utopías” (LEFEBVRE, 1976, p.245)

Em 1983, Henri lefebvre concedeu uma entrevista à revista francesa *Villes en Parallèle* 7,<sup>20</sup>, na qual encontramos uma pequena história de sua vida, produção e relações com o Partido Comunista Francês, da ruptura em fins dos cinquenta e das transformações “no inicio da década de 60”, quando sua atenção “se voltou cada vez mais para o espaço urbano”. Neste momento, a “construção da cidade-nova de Lacq-Mourenx, nos Pirineus Atlânticos”, lhe causou profundo impacto (LEFEBVRE, 1990, p.61). Dizem os entrevistadores/editores:

Para ele, o urbano não representava apenas a transformação do espaço numa mercadoria pelo capitalismo, mas também a arena potencial do jogo (festival). Em a *Produção do espaço* (1974) critica a falta de rigor no uso do conceito de “espaço” [...] por não problematizar o deslocamento sofrido pelo termo espaço do nível epistemológico ao uso comum, eliminaremos o sujeito coletivo. Lefebvre argumenta que o Estado tem fetichizado o espaço e imposto permanência, mas os principais teóricos sociais, exceto Nietzsche,

---

<sup>20</sup> Depois, publicada em 1987 na revista *Environment and Planning D, Society and Spaces*, e traduzida por Manuela Rolando Berríos, sendo publicada na *Revista Espaço e Debate*, n. 30, ano 1990.

fizeram da dimensão temporal o elemento primordial da análise. Em *De l'État (1975-1978)*, desenvolve suas idéias sobre a produção da espacialidade capitalista através do Estado” (Espaço e Sociedade, 1990, p.61).

É neste contexto que o autor procura “introduzir o conceito de produção do espaço como produto social e político, espaço como um produto que se vende e se compra” (Idem, 1990, p.63).

Os problemas urbanos são muito recentes em relação ao pensamento de Marx. Ele dedica poucas linhas à relação entre cidade e campo e à divisão do trabalho, mas não vai muito longe, a ponto de ter ocorrido um movimento antiurbano na URSS entre 1920 e 1930. [...] O movimento antiurbano continuou em evidência depois de Fidel Castro chegar ao poder – eles queriam destruir La Havana. A cidade representava a corrupção, a burguesia e o imperialismo. [...] Pol Pot queria destruir Phnom Penh. [...] Na China se fomentaram durante um tempo as cidades de porte médio e as grandes tiveram um tratamento discriminatório, mas não puderam deter seu crescimento. [...] No centro do pensamento marxista, parece estar a idéia de que a sociedade poder-se-ia reorganizar em torno de pequenas unidades de produção de uns 15 mil habitantes – cidade de trabalhadores. Os problemas urbanos são certamente novos para o marxismo, embora tenham surgido muito antes do tempo presente, especialmente no que diz respeito ao mercado e à realização da mais-valia, como aparece no trabalho de Rosa Luxemburgo. Ela se interrogava como e onde a mais-valia produzida nas empresas sés realizava. (LEFEBVRE, 1990, p.64)

Lefebvre diz que para se estudar o espaço, “é necessário estudar o modo de produção em seu sentido integral, e não começar com uma premissa política, por exemplo, que o modo capitalista de produção esteja na sua agonia” (LEFEBVRE, 1990, 64). Ele relata suas experiências em torno do tema cidade, das viagens realizadas, das transformações ocorridas em sua região natal com o aparecimento de uma nova cidade e os projetos de reformulação e planejamento urbano destas nos anos sessenta e setenta (Idem, p.64-65). Diz que foi convidado para construir uma cidade socialista na Iugoslávia, cujo projeto fora abandonado por falta de recursos:

Gostaria de voltar a Marx. No seu trabalho há, duas importantes palavras que mexeram comigo e me causaram grande impacto. Então num trabalho da juventude, o *Manuscrito de 1844*, É A “segunda natureza” que permanece como um conceito muito fluido que ele nunca especificou. O que significa que há algo contraposto a uma primeira natureza inicial e específica. Tratei de desenvolver esse conceito, que está implícito em Marx, para esclarecê-lo e representá-lo. A cidade é a segunda natureza, é um trabalho, é um produto que está superimposto sobre a primeira natureza e que utiliza os mesmos elementos, como a água. A água é um material urbano emprestado da primeira natureza e se torna conhecido e usado através da segunda natureza. [...] Pedras e arvores são materiais da primeira natureza que se tornam da segunda (p.68).

Finalmente, numa terceira entrevista realizada em 1983 por Kristen Ross, relacionada aos situacionistas, e bastante divulgada nos últimos anos, “*Henri Lefebvre e a*

*Internacional Situacionista*”, traduzida por Cláudio Roberto Duarte ao português, outros aspectos emergem sobre os temas em discussão. O envolvimento de Lefebvre com os Situacionistas começa em 1957 e estende-se, segundo ele, por uns cinco anos. Após explicar o caráter deste envolvimento, faz um relato dos conflitos surgidos. Diz que no final dos anos 1950, diversos grupos surgiram à margem do movimento comunista e dos trabalhadores. E menciona a Revolução Cubana e Fidel Castro como exemplos desta realidade:

E me lembro que em 1957 publiquei um tipo de manifesto, *O romantismo revolucionário*, que estava ligado à história de Castro e a todos os movimentos que acontecem um pouco em todas as partes fora dos partidos. Isto se deu quando deixei o Partido Comunista. Eu senti que estavam acontecendo muitas coisas fora dos partidos estabelecidos e dos movimentos organizados como os sindicatos. Estava acontecendo uma espontaneidade fora das organizações e instituições - e era sobre isso este texto de 1957. Foi este texto que me colocou em contato com os Situacionistas, porque eles deram uma certa importância a ele - antes de atacá-lo mais tarde (LEFEBVRE, 1983, p.2)

Sobre a relação entre estas duas teorias com a cidade, diz Lefebvre:

Nós concordávamos. Eu dizia a eles, o amor individual criou situações novas, havia uma criação de situações. Mas isto não aconteceu num dia, isto se desenvolveu. A idéia deles (e isto também estava relacionado às experiências de Constant) era que na cidade alguém poderia criar situações novas, por exemplo, ligando partes da cidade, bairros que eram espacialmente separados. E este foi o primeiro significado da deriva. Ela foi feita primeiro em Amsterdã, usando *walkie-talkies*. Havia um grupo que foi para uma parte da cidade e que poderia comunicar-se com pessoas em outra área. (LEFEBVRE, 1983, p.3)

De qualquer forma, destas reflexões emerge um livro sobre a Comuna de Paris, publicado no início dos anos sessenta:

[...] No curso de sua história, a cidade foi outrora uma unidade orgânica poderosa; durante algum tempo, porém, aquela unidade foi sendo desfeita, foi se fragmentando, e [os situacionistas] foram gravando exemplos do que nós todos conversávamos, como o lugar onde a nova Opera Bastille está para ser construída. [...] A Place des Vosges ainda é Paris aristocrática do século XVII. Quando você vai a *Bastille*, outra Paris começa, que é a do século XIX, mas é Paris da burguesia, do comércio, da expansão industrial, ao mesmo tempo que a burguesia comercial e industrial toma o *Marais*, o centro de Paris — estende-se afora, para além da Bastille, da Rue de la Roquette, da Rue du Faubourg Saint-Antoine etc. Desde então a cidade é fragmentada. Nós tínhamos uma visão de uma cidade que foi fragmentada cada vez mais, sem sua unidade orgânica ser completamente despedaçada. Posteriormente, claro que as periferias e os subúrbios realçaram o problema. Mas tempos atrás isto então não era óbvio, e pensávamos que a prática da deriva revelava a idéia da cidade fragmentada. (LEFEBVRE, 1983, p.5)

Em 1960, a urbanização torna-se verdadeiramente perceptível, momento em que a cidade de Paris explode em sua totalidade. “Você sabe que havia muito poucos subúrbios

em Paris; havia alguns, mas muito poucos. E então, de repente, a área inteira estava cheia, coberta com moradias pequenas, com cidades novas, Sarcelles e o resto. Sarcelles se tornou um tipo de mito. Havia até mesmo uma doença que as pessoas chamaram "sarcellite". Desde então, a atitude de Guy Debord mudou - ele caminhou da tese do Urbanismo Unitário para a da Ideologia Urbanística” (Idem, p.5). Por fim, ele afirma que os situacionistas, ao dizerem que “todo o urbanismo é uma ideologia burguesa”, acabaram abandonando o “problema da cidade”. Por outro lado, diz Lefebvre: “continuei me interessando; pensei que a explosão da cidade histórica era precisamente a ocasião para achar uma teoria mais ampla da cidade, e não um pretexto para abandonar o problema” (LEFEBVRE, 1983, p.67).

### 3. Algumas conclusões da pesquisa

Nosso objetivo na pesquisa *A Educação e a Natureza da/na Cidade: as contribuições de Henri Lefebvre* era aprofundar a discussão sobre o lugar e o papel da cidade – como estratégica – a partir da educação e da natureza, nas obras do autor. Pretendíamos relacionar estes aspectos soldados ao contexto vivido por Lefebvre, e desta forma, a partir dos materiais sistematizados (2006-2007), produzimos reflexões sobre a educação e a natureza. No decorrer desta pesquisa nossos interesses se ampliaram, e estas reflexões serviram de fundamentos a uma pesquisa maior, sobre a *o desarrollo humano em la ciudad sustentable* em cidades latino-americanas.

Inicialmente, diríamos que em decorrência do estudo realizado, no período compreendido entre 1960 e 1970, *num primeiro momento, a cidade assume um papel de mediação entre o que se processava no global*<sup>21</sup>, *em diferentes continentes e países, na relação com o cotidiano e o vivido.*<sup>22</sup> *Acreditamos que esta mediação constituiu uma estratégia do sistema à “produção e re-produção” de relações sociais e produção “funcionais”, visando a manutenção dos interesses e objetivos mais profundos do*

---

<sup>21</sup> Do ponto de vista sócio-econômico-político, se constituindo enquanto temática emergente (globalização, sistema-mundo, neoliberalismo, transnacionalização das empresas, etc.), mas também como abstração (concebidos), através dos sistemas de pensamento sistêmicos (teoria dos sistemas, da informática, das comunicações, funcionalismos, estruturalismo, etc.), nos quais muitos “eliminam” os seres humanos do conteúdo de suas abstrações.

<sup>22</sup> O vivido, o dia-a-dia e as relações sociais mais imediatas.

*capitalismo, do Estado e dos sistemas sociais de então.*<sup>23</sup> Num segundo momento, esta cidade é transformada em ideologia, isto é, na urbanização, que se articula com a programação da sociedade desde o Estado, através de seus planejadores, arquitetos e urbanistas.

Conforme Lefebvre, o espaço da cidade e/ou da sociedade torna-se mais amplo, passando a compreender não só a produção das mercadorias, mas também a produção e reprodução das relações produtivas, resultando que todos os espaços da sociedade, do mais próximo ou distante, tornam-se lugares da estratégia de produção, no sentido restrito (mercadorias, bens e serviços relacionados a coisas a serem vendidas e compradas); mas também, da produção mais ampla, da produção de relações sociais, conhecimentos, valores, enfim, da *hegemonia* do sistema, do Estado, e das classes dominantes capitalistas a ele vinculadas.

Na década analisada, a natureza da cidade altera-se ao longo do processo acima referido. Destacaríamos a mudança da relação da sociedade humana com a natureza, em decorrência da modificação da cidade e do espaço, na qual toda a natureza, bem como a natureza da cidade, passa a decorrer de estratégias de produção, controle e planejamento burocrático. Assim, a natureza primeira (física), a natureza produzida (a cidade, o pensamento etc.) e, conseqüentemente, a própria natureza humana passam a ser elementos de sistemas de planejamento e de controle cibernéticos. Neste sentido, poderíamos dizer baseados em Antonio Diegues, que não existiam mais uma natureza intocada.

Tais mudanças, no período compreendido entre 1960 e 1968, decorreram das profundas transformações na forma de dominação do capitalismo e de seus agentes sobre as sociedades humanas. Portanto, nas relações entre as naturezas humanas (relações de trabalho e de classes), e das relações destes enquanto coletividade/sociedade humana com a natureza primeira (física). Em decorrência disso, os paradigmas ou as concepções e teorias explicativas ou compreensivas destas relações se alteraram em virtude das alterações na natureza interna dos humanos em suas relações com as demais naturezas em mutação.

---

<sup>23</sup> Nas palavras do autor: “a cidade é uma mediação entre as mediações. Contendo a ordem próxima, ela a mantém; sustenta relações de produção e de propriedade; é o local de sua reprodução. Contida na ordem distante, ela a sustenta; encarna-a; projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata; a cidade inscreve essa ordem, prescreve-a, escreve-a, texto num contexto mais amplo e inapreensível como tala não ser para a meditação” (Lefebvre, 1991).

Relacionaríamos, em forma de itens, aspectos destas transformações ou suas conseqüências:

- a) O sistema, quer o capitalista ou socialista, a partir do Estado e de outros mecanismos, amplia o controle e a dominação da vida humana e das relações sociais, através da chamada “sociedade burocrática de consumo dirigido”;
- b) No capitalismo, o foco da estratégia da “produção e re-produção das relações de produção” seria as relações sociais mais amplas inscritas na cidade, na sociedade e em todos os espaços. Relações estas presentes no cotidiano, nos lazeres e nos tempos de não-trabalho;
- c) O “domínio” da natureza e/ou o “controle” humano sobre as técnicas e os meios de usufruto da natureza primeira (a primordial, a física, a Terra), amplia-se de tal maneira que se pode dizer não mais existir natureza no espaço terrestre que os humanos “não tocaram”, isto é, espaços isentos da ação humana;
- d) A natureza torna-se “problemática” enquanto realidade. Uma vez explorada e destruída, torna-se objeto de domínio do sistema sob a lógica do valor de troca, ou seja, enquanto mercadoria;
- e) A cidade, em diferentes momentos e processos, assume um papel de mediação entre o global (o distante, o sistema mundo, as abstrações e o concebido) e o cotidiano, este último compreendido pelo mais próximo, o vivido, o dia-a-dia e o local;
- f) A educação, embora pouco aludida nas obras do autor, está inserida na perspectiva global das transformações por ele estudadas. Poderíamos dizer que a educação, na esfera do cotidiano escolar, é estratégica enquanto política pública nos processos de “produção e re-produção” das relações de produtivas. Ela insere-se nos espaços educativos de diferentes maneiras: na organização do espaço escolar (“verdades” professadas e conhecimentos “inquestionáveis”) e na divisão das escolas (entre ricos e dos pobres). Ainda, nos conteúdos dos saberes e conhecimentos ensinados e no acesso aos melhores ou piores cursos (conforme as classes, grupos e indivíduos de setores sociais distintos);
- g) Destacaríamos a emergência dos seguintes conceitos e realidades a serem estudadas e aprofundadas em estudos futuros: a *produção e re-produção das relações de produção*; *ordem distante e ordem próxima*; *apropriação*; *obra*; *cotidiano e cotidianidade*; *momentos*; *ritmos sociais*.

h) A cidade sintetizaria uma determinada relação com a natureza, construída através dos tempos (história) e no espaço (contexto social e global). Neste sentido, Henri Lefebvre (1968) afirma que “as grandes cidades são a sede do movimento operário; é aí que os operários começam a refletir sobre suas situações e sua luta; é aí que se manifesta primeiro a oposição entre proletariado e burguesia” (p. 169, Engels conforme HL, p. 27).

Disso tudo, diríamos que a cidade não seria só objeto, mas também um sujeito da História, já que

concentra não só a população, mas os instrumentos de produção, o capital, as necessidades e os prazeres. Logo, tudo o que faz com que uma sociedade seja uma sociedade. É assim porque ‘a existência da cidade implica simultaneamente a necessidade da administração, da polícia, dos impostos, etc, em uma palavra, a necessidade da organização comunal, portanto, da política em geral. (LEFEBVRE, 1991, p.49, citando Marx)

Além disso, a cidade é um “processo que começa desde que a comuna urbana substitui a comunidade (tribal ou agrária) ligada intimamente à terra. (...) se torna, em lugar da terra, o grande laboratório das forças sociais” (Idem, p. 86). Acrescentamos que os estudos sobre a cidade, embora amplamente difundidos, ainda (em 1975) não assumiram uma necessária dimensão política: “[...] as questões relativas à cidade e a realidade urbana não são plenamente conhecidas e reconhecidas; ainda não assumiram politicamente a importância e o significado que tem no pensamento (na ideologia) e na prática” (LEFEBVRE, 1991, p.86). Isto porque, a cidade, mais do que um *produto*, constituiria uma *obra* humana, veiculando possibilidades que se colocam além dos valores de troca e das riquezas materiais:

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos em dinheiro). (LEFEBVRE, 1991)

Na teoria, a cidade constitui-se de modo análogo ao de um “organismo”, e ao que parece, agrupa as suas partes constitutivas visando privilegiar a manutenção de todo o conjunto, sem que para isso estejam ausentes relações de conflitualidade:

Cada cidade tende a se constituir em sistema fechado, acabado. A cidade conserva um caráter orgânico de comunidade, que lhe vem da aldeia, e que se traduz na organização corporativa. A vida comunitária (comportando assembleias gerais ou parciais) em nada impede as lutas de classes. Pelo

contrário. Os violentos contrastes entre a riqueza e a pobreza, os conflitos entre os poderosos e os oprimidos não impedem nem o apego à cidade nem a contribuição ativa para a beleza da obra. (LEFEBVRE, 1991)

Na prática, o núcleo urbano (parte essencial da imagem e do conceito da cidade) está rachando, no entanto consegue se manter. Transbordando, freqüentemente deteriorado, às vezes apodrecendo, o núcleo urbano não desaparece. Mas como as cidades são diferentes, têm histórias diferentes e localizam-se em espaços produzidos em determinados contextos, grupos e classes sociais distintos, constituiriam uma realidade diferente das demais, apesar de inserirem-se num contexto global único. Neste sentido, a partir de Henri Lefebvre, definiríamos a cidade como “sendo projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano. Aquilo que se inscreve e se projeta não é apenas uma ordem distante, uma globalidade social, um modo de produção, um código geral, é também um tempo, ou vários tempos, ritmos”. No entanto, como dissemos acima, a cidade também pode ser entendida “[...] como sendo conjunto das diferenças entre as cidades, [...] tornando-se centro de decisão ou antes agrupando os centros de decisão, a cidade moderna intensifica, organizando a exploração de toda a sociedade (não apenas da classe operária como também de outras classes sociais não dominantes). Isto é dizer que ela não é um lugar passivo da produção ou da concentração dos capitais, mas sim que o urbano intervém como tal na produção (nos meios de produção)” (LEFEBVRE, 1991). E diante disso, diz Lefebvre (1973): “A cidade não representa apenas uma colossal acumulação de riquezas; é também o centro do nascimento e do conhecimento, o lugar onde se reproduzem todas as relações sociais [...]”, mas também, “onde essas relações são ameaçadas [...]” e á sua ‘salvação’ são utilizados vultosos recursos, contra o caos e a desordem, etc. “A estratégia do espaço político faz surgir estas contradições que abalam a reprodução das relações sociais” (Idem, 1973, p.30).

## **Bibliografia**

CARLOS, Ana Fani. **A Cidade**. São Paulo: Conetxto, 2005.

DAMIANI, Amélia Luisa. **O lugar e a produção do cotidiano**. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.



\_\_\_\_\_. Carlos, Ana Fani; SEABRA, Odette Carvalho (org.). **O espaço no fim do século – a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001.

FREITAG, Barbara. **Teorias da Cidade**. Campinas/SP: PAPIRUS, 2006.

HESS, Remi. **Henri Lefebvre et la Pensée de l'espace**. In. LEFEBVRE, Henri. La production de l'espace. 4<sup>a</sup> ed. Anthopos: Paris, 2000.

\_\_\_\_\_. **Henri Lefebvre et son Oeuvre**. In. Le Journal des Chercheurs, in site Universidade Paris VIII. Departamento de Ciências da Educação. Disponível em <www.barbier-rd.nom.fr/H.%Lefevre.pdf> Acesso em 15 março de 2007. [texto datado de 14 novembro de 2006].

LEFEBVRE, Henri. **A natureza e o domínio da natureza**, In: \_\_\_\_\_. Introdução à Modernidade - Prelúdios. RJ: Paz e Terra, 1969 (1962 by les Éditions de Minuit, França).

\_\_\_\_\_. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**, São Paulo. Editora Ática, 1991 (edição Galimard, 1968).

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade**, 1968 [1969].

\_\_\_\_\_. **Uma revolução cultural não pode desenrolar-se fora do campo política** [entrevista, Revista TRIUNFO. Lisboa: Editorial O Século, 1970. [Verão de 1968].

\_\_\_\_\_. **De lo rural a lo urbano**. 4<sup>a</sup> ed. Barcelona (Espanha): Ediciones Península, 1978. (1<sup>a</sup> ed. França: Editions Anthopos, 1970).

\_\_\_\_\_. Henri. **Re-produção das relações de produção**. Porto, editora Scorpião, 1973.

\_\_\_\_\_. **Espace et politique**. 2<sup>a</sup> ed. Anthopos: Paris, 2000 [1973].

\_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. 4<sup>a</sup> ed. Anthopos: Paris, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP e A editora, 1999. (1<sup>a</sup> ed. La pensée marxiste et la ville, 1975).

\_\_\_\_\_. **Conversa com Henri Lefebvre**. REVISTA Espaço e Debate, n. 30, 199 [Tradução de Manuel Rolando Berrios] [Publicado em 1983, Villes en Parallèle 7, 1983, e em Environment and Planning D, Society and Space, March 1987, 5.].

\_\_\_\_\_. **Henri Lefebvre e a Internacional Situacionista**. Entrevista com Kristen Ross [Tradução de Cláudio Roberto Duarte]. In. [http://www.geocities.com/Paris/Rue/5214/henri\\_lefebvre.htm?200516](http://www.geocities.com/Paris/Rue/5214/henri_lefebvre.htm?200516)

\_\_\_\_\_. **Tiempos equívocos**. Espanha, Éditions Stock y Editorial Kaikós, SA, 1976 [1975].

MACHADO, Carlos RS. **As vicissitudes da Construção da qualidade do ensino na política pública de educação no município de Porto Alegre, de 1989 a 1996.** Porto Alegre: FAGED/PPGEA, 1999. [Dissertação de Mestrado].

\_\_\_\_\_. **Estado, Política e Gestão na/da Educação em Porto Alegre (1989-2004): avanços e limites na produção da democracia sem fim.** Porto Alegre: UFRGS/FECED, 2005 (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. **Contribuições acerca das políticas públicas e o Paradigma Emergente.** ECCOS - REVISTA Científica, São Paulo, v.8, n.I, p.213-232, jan./jun.2006.

\_\_\_\_\_. **Momentos da produção de Henri Lefebvre: introdução.** Rio Grande; PPGEA-FURG. Revista Ambiente e Sociedade, 2008. [www.educacaoambiental.furg.br]. [Trabalho Apresentado na Seminário de Extensão A vida Cotidiana no Mundo atual, agosto de 2006].

MACHADO, Carlos RS e NOGUEIRA, Gabriela, et. Alli. **A Educação Infantil na cidade do Rio Grande.** Rio Grande: FURG, 2006. [Relatório de Pesquisa FURG/PIBIC-CNPq, 2005-2006].

\_\_\_\_\_. SCHNEIDER, Nairana e RECHIA, Liliam. **A Educação e a Natureza da/na Cidade: as contribuições de Henri Lefebvre.** Rio Grande: FURG, 2007 [Projeto de Pesquisa FURG/PIBIC-CNPq, 2007-2008].

\_\_\_\_\_. DENDENA, Fabiana; GAUTÉRIO, Daiane. **As três Naturezas e a natureza dos três.** Rio Grande/FURG, 2007. [Trabalho Apresentado no Congresso Internacional de Alfabetização e Educação Ambiental/CONALFEA].

\_\_\_\_\_. COSTA, Eder Dion; VÉRAS-NETO, Quintanilha; SOLER, Antônio. **Aspectos emergentes para/da cidade sustentável: a natureza, a educação, a justiça e a economia popular e solidária.** Cuba, 2008. [Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Educação UNIVERSIDAD2008].

MARTINS, Sérgio. **Prefácio à edição brasileira.** In: LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Minas Gerais: Editora da UFMG, 1999.

MARX, Karl. **O Capital.** La Habana: Editorial Ciências políticas, s/d

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: EDUSP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão Indolente.** Volume I. Porto: Afrontamento, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reinventar a Democracia.** Lisboa: Gadiva/Fundação Mário Soares, 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Uma política de esquerda para o século XXI? Ou teoria e práxis novamente.** In: (Org.) LOUREIRO, I.; LEITE, J. C.: CEVASCO, M. E. O Espírito de Porto Alegre. São Paulo: Paz e Terra, 2002.